

Lusofone

A máquina, o mecanismo que levo agora
me dirá a que horas chegarei à cidade:
o relógio é aquele mesmo que trazias
nos dias de passeio, do outro lado,
o pulso é outro, o tempo é rio,
o comboio chega à estação.

Olhando os ponteiros sobre o mostrador,
sob o vidrilho, olharei como os olhavas?
Olharei a cidade em que foste menino
como olhavas o menino sentado à mesa –
onde aprendia as quatro operações,
e aprendia a comer em sociedade.

Hoje vou à tua cidade
irei também ao hospital, à procura dum papel
que mostre, agora do outro lado,
dados numéricos, geográficos,
pra completar o que sabemos
da existência tua:
aquilo que não sei e não está
nos papéis que trouxe comigo.

Teu olhar veio de longe
pousar sobre números em relógios
edifícios e pessoas
contas em papéis
olhar de amor que foi crescer
longe de casa, já noutra casa
cada vez mais tua, de um lado a outro, o mar no meio
de cima abaixo, terra ao céu

Que foi crescer na matéria do ar
vertical como a cidade que encontro
de início, e sempre tua em minha hora:
o que já se vai ver aqui
são os muitos, inúmeros detalhes
da cidade dita escura, para mim cidade tua,
esta cidade do Porto

II.

Eu sonhei que eu agora ‘tou relax,
acabou a sanha da gramática
vim pra cá, cheguei ao norte
e foi por amor, ela vai se lembrar

No sonho outras coisas se diziam,
saindo duma fonte esculpida na pedra
e o ar que chegava ao rosto vinha de mar e vinha de rio,
batia em pinheiros no castro e voltava a Viana

Vou dizer outras palavras ou as mesmas
de outro jeito, num remanso,
onde a água faça a curva de descanso
faça a pausa, diga versos sob a ponte

Grafe-se na areia um dialeto
e, vindo um vento, vire páginas
toque sinos, percutindo na distância
os ouvidos de uma gente periférica

Cá estamos, nas margens de tudo,
e não é mau que seja assim
(mais longe da ambição, que tudo atropela)
Ai, se a inveja matasse,
eu ficava por aqui, em Viana do Castelo